

ARAÚJO, Rogério. Prostituição: artes e manhas do ofício. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2006.

CUSTÓDIA SELMA SENA*

O livro de Rogério Araújo, *Prostituição: Artes e Manhas do Ofício*, é resultado de uma pesquisa empírica com as profissionais do sexo em Goiânia. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFG, o livro traz para o leitor muitas informações sobre a prostituição feminina de rua ou trottoir que é o foco central do trabalho.

No entanto, como este é um trabalho pioneiro sobre prostituição em Goiás, o autor nos apresenta um mapeamento de outras modalidades de prostituição para situar, nesta configuração espacial, moral e comercial, o grupo específico que estudou.

Assim, além das mulheres que trabalham nas ruas, outras categorias de profissionais do sexo são apresentadas, como os michês, travestis, pessoas que exercem a prostituição em casas fechadas, casas de shows e de massagens e através de anúncios em jornais. Aborda também modalidades mais recentes de prostituição, como as operadas através de celulares pelas chamadas garotas de programa e a ciberprostituição, termo que designa a oferta de serviços sexuais via internet.

Do mapeamento sobressai especialmente a prostituição de rua dos michês e das travestis. Utilizando dados de pesquisa empírica realizada junto aos michês de Goiânia e dialogando com a literatura acadêmica nacional sobre este tema, Rogério Araújo nos apresenta os circuitos noturnos do centro da cidade: as ruas por onde circu-

lam os michês e sua clientela, as estratégias de abordagem por eles utilizadas, preços de programas e dados de perfil: faixa etária, escolaridade, consumo de drogas e exposição à DST, relações familiares, mobilidade espacial entre as cidades da região centro-oeste.

Sobre as travestis – o uso do artigo a/as indicando uma opção intencional de preservação da autodefinição dessa categoria – o livro apresenta uma maior riqueza de detalhes etnográficos do que sobre os michês, já que estes são menos acessíveis aos pesquisadores. Sobre as travestis, como dizíamos, podemos também acompanhar seu trajeto por ruas específicas de Goiânia a partir de um ponto fixo que é a casa da cafetina que controla um determinado grupo dessas profissionais do sexo.

Através da expressiva linguagem das travestis, composta de expressões singulares usadas tanto para a classificação social dos grupos com os quais entram em contato – diferentes tipos de clientes, policiais, comerciantes etc. – quanto para descrever situações cotidianas no exercício de seu ofício, o leitor pode visualizar as condições de vida e trabalho marcadas pela violência e as estratégias de sedução, vingança e sobrevivência que informam aquelas práticas.

Para não perder o fio da meada entre tantas opções que o trabalho apresenta – não há como não se surpreender com o cotidiano das travestis ou ficar impassível ante o relato da violência que sofrem – centraremos nossos comentários sobre a prostituição feminina de rua, que é o tema central do livro e do dossiê trabalho e gênero.

* Doutora em Antropologia. Professora adjunto do DCS/UFG.

Embora a pesquisa tenha sido feita em Goiânia, o texto escapa do viés paroquial através de duas estratégias: primeiramente por meio do diálogo que estabelece com trabalhos sobre prostituição em outras capitais brasileiras, através de um levantamento bibliográfico minucioso e atualizado. Esse diálogo que ora confirma similaridades, ora aponta divergências, ora questiona interpretações formuladas, faz com que o livro se torne realmente comparativo.

A outra estratégia é o uso das reflexões teóricas contemporâneas que permitem uma interpretação mais atual e enriquecedora dos achados etnográficos do pesquisador, como demonstram, por exemplo, as discussões sobre corpo e identidade.

Essas temáticas, que se tornaram uma verdadeira moda na comunidade acadêmica, nos últimos anos – haja visto a quantidade de livros e artigos escritos sobre o assunto – são retomados pelo autor, porém de forma crítica, o que o leva a relativizar a ênfase na aparência a partir da fala das mulheres que participaram da pesquisa.

Ao contrário do que crê o senso comum, bombardeado pela excessiva oferta de meios de manutenção da forma física, da beleza e da juventude perenes – academias, cosméticos, cirurgias, regimes, medicamentos, etc. – as profissionais do sexo revelam, de modo geral, uma concepção mais utilitarista e menos hedonista do corpo. Para elas o corpo é fundamentalmente um instrumento de trabalho.

Nas conversas com o pesquisador é explícita a afirmação da preocupação com os cuidados de saúde, com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, com idas periódicas aos ginecologistas etc. Para essas mulheres seu corpo é seu único meio de trabalho e a doença é definida como um obstáculo à possibilidade de trabalhar. Sendo assim, parece crível que o uso de preservativo seja generalizado entre elas e que cerca de 84% das profissionais do sexo afirmam não aceitar programas cuja exigência é o não uso do preservativo, ainda que por esses programas recebam mais.

Outro aspecto digno de nota e que corrobora a idéia de que o corpo é concebido principalmente de forma instrumental é a separação

que as profissionais do sexo fazem entre sexo, prazer e afeto. Entre as inúmeras regras que orientam o aprendizado e o exercício do ofício da prostituição, a mais notória – isto é, a mais relatada, a mais recorrente nas conversas – é o treinamento corporal e o disciplinamento da subjetividade para impedir que o ato sexual seja contaminado, se assim podemos nos expressar, pelo prazer e principalmente pelo afeto.

É por meio desse corte que as profissionais do sexo podem delimitar áreas internas de intimidade que não coincidem, necessariamente, com a noção de intimidade manejada por mulheres que não exercem a prostituição como um trabalho regular.

De fato há poucas pesquisas sobre a subjetividade das mulheres e homens trabalhadores/as e pobres, embora haja muitos estudos sobre suas práticas sociais objetivadas.

Acerca da questão da identidade, o autor trabalha com a concepção contemporânea que rejeita a idéia de que a identidade é uma essência fixada de uma vez por todas e independente da diferença. O entendimento atual é de que há uma interdependência entre identidade e diferença e que são ambas produzidas no contexto de relações culturais e sociais.

Ao afirmar a identidade delimitamos a diferença através da criação de fronteiras e de classificações que expressam o acesso desigual dos grupos sociais ao estoque dos bens simbólicos e materiais. É por isso que as definições sociais de identidade e diferença podem se tornar objetos de disputa e de negociação entre grupos situados em relações assimétricas de poder.

No livro *A prostituição: artes e manhas do ofício*, as profissionais do sexo, como um grupo diferente e marcado negativamente, exibem várias estratégias de negociação identitária aprendidas na lida com colegas, clientes, policiais, traficantes, comerciantes, companheiros, familiares e moradores dos bairros por onde circulam e essas negociações envolvem tanto a negação e o mascaramento de sua prática de trabalho quanto a reclassificação interna que transfere para as “noiadas” – termo pejorativo usado para designar as usuárias de drogas – os atributos negativos que são usualmente relacionados à prostituição em geral.

Uma outra novidade que o livro nos traz é a recusa do autor em reduzir a profissional do sexo à sua atividade de trabalho, como se a prostituição fosse a única dimensão significativa da vida dessas mulheres, a exemplo de muitos estudos que apostam no exotismo do moralmente divergente.

Sem desconhecer as implicações e as sanções legais, sociais e morais do exercício da prostituição – a estigmatização, a exclusão, as várias formas de abuso e violência, a negação dos direitos básicos – o autor procura também outras dimensões constitutivas da biografia da profissional do sexo, para além da esfera do trabalho. Suas crenças religiosas e morais, suas relações de parentesco, compadrio, afeto e companheirismo, suas práticas de lazer, seus sonhos e esperanças.

Assim, se o livro relata sobre o difícil aprendizado da arte da prostituição – como usar a gestualidade corporal como meio de atração, como ler e classificar clientes, como negociar preços e pedidos, como minimizar as ocasiões de violência nas negociações entre as profissionais do sexo e os diferentes personagens que compartilham, vivem e transitam pelo mesmo território – ele também nos deixa ver essas mulheres, uma vez cumprido o turno de trabalho, voltando para suas casas, para seus filhos e companheiros, cozinhando sua comida de todos os dias e dos dias de festas, indo às compras, à missa e aos cultos de sua preferência, passando um domingo no clube, pagando escolas para os filhos e expressando, em cada conversa com o pesquisador, o desejo e a decisão sempre adiada de deixar a prostituição de forma definitiva.